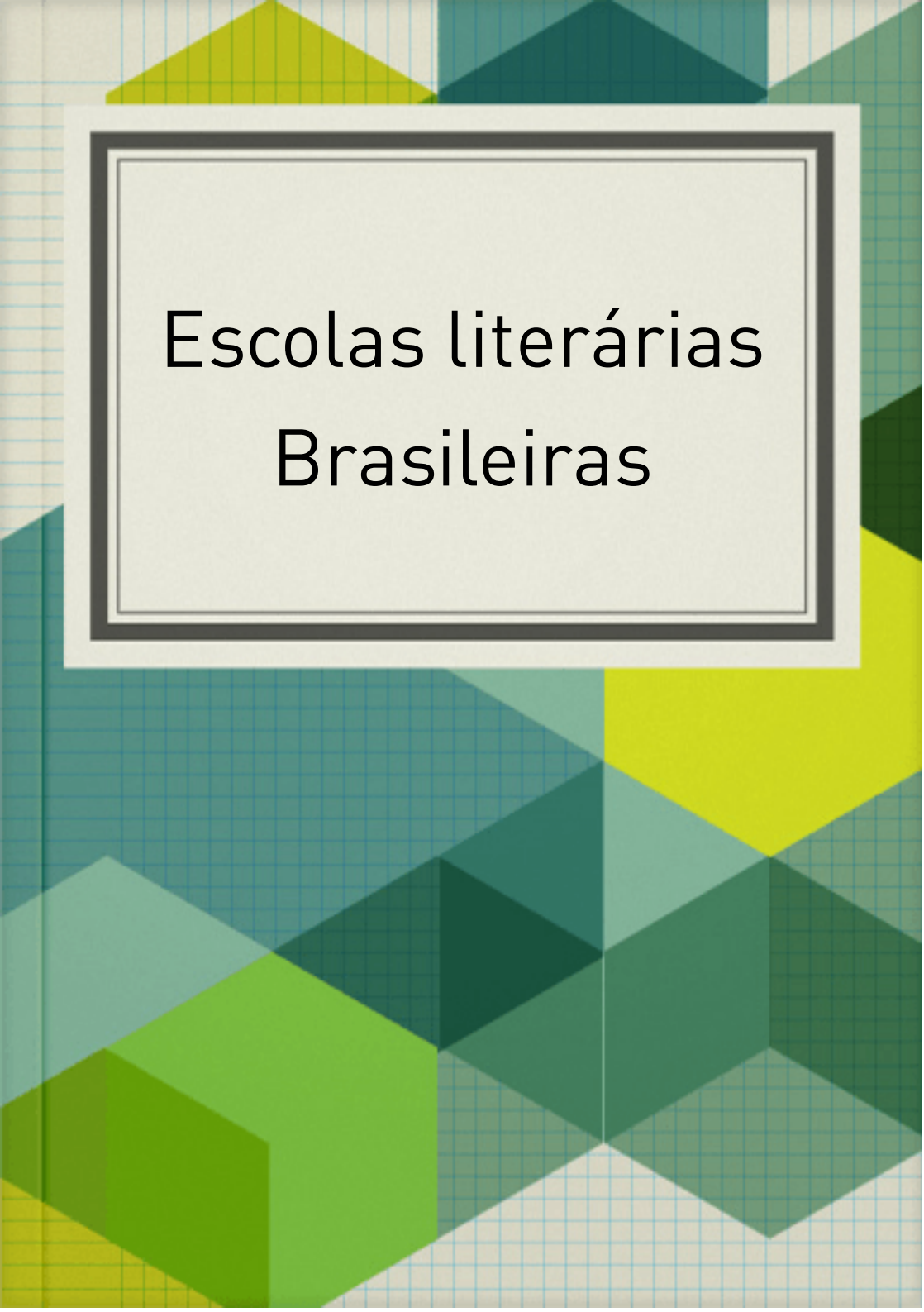




Escolas literárias Brasileiras

ESCOLAS LITERÁRIAS BRASILEIRAS

QUINHENTISMO 1 – POEMA DE PADRE JOSÉ DE ANCHIETA EM DEUS, MEU CRIADOR Em Deus, meu Criador (fragmentos) [...] Não há coisa segura. Tudo quanto se vê se vai passando. A vida não tem dura. O bem se vai gastando. Toda a criatura passa voando. [...] Contente assim minh'alma, do doce amor de Deus toda ferida, o mundo deixa em calma, buscando a outra vida, no qual deseja ser absorvida. [...] • José de Anchieta (1534-1597), no poema "Em Deus, meu Criador", traduz a sua visão do mundo arredia em relação aos bens terrenos. ®Sérgio. BARROCO 2 –

POEMA DE GREGÓRIO DE MATOS À cidade da Bahia Gregório de Matos “A cada canto um grande conselheiro. que nos quer governar cabana, e vinha, não sabem governar sua cozinha, e podem governar o mundo inteiro. Em cada porta um freqüentado olheiro, que a vida do vizinho, e da vizinha pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha, para a levar à Praça, e ao Terreiro. Muitos mulatos desavergonhados, trazidos pelos pés os homens nobres, posta nas palmas toda a picardia. Estupendas usuras nos mercados, todos, os que não furtam, muito pobres, e eis aqui a cidade da Bahia.”

ARCADISMO 3 - SONETO DE CLÁUDIO MANUEL DA COSTA. Soneto "Sou Pastor; não te nego; os meus montados São esses, que aí vês; vivo contente Ao trazer entre a relva florescente A doce companhia dos meus gados; Ali me ouvem os troncos namorados, Em que se transformou a antiga gente; Qualquer deles o seu estrago sente; Como eu sinto também os meus cuidados. Vós, ó troncos (lhes digo), que algum dia Firmes vos contemplastes, e seguros Nos braços de uma bela companhia; Consolai-vos comigo, ó troncos duros; Que eu alegre algum tempo assim me via; E hoje os tratos de Amor choro perjuros."

ROMANTISMO 4 – POESIA DE CASTRO ALVES Existe um povo que a bandeira empresta P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!... E deixa-a transformar-se nessa festa Em manto impuro de bacante fria!... Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta, Que impudente na gávea tripudia? Silêncio. Musa... chora, e chora tanto Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...

REALISMO 5 – MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS - MACHADO DE ASSIS AO VERME QUE PRIMEIRO ROEU AS FRIAS CARNES DO MEU CADÁVER DEDICO COMO SAUDOSA LEMBRANÇA

ESTAS MEMÓRIAS PÓSTUMAS Ao Leitor Que, no alto do principal de seus livros, confessasse Stendhal havê-lo escrito para cem leitores, coisa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinqüenta, nem vinte, e quando muito, dez, Dez? Talvez cinco. Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Stern de um Lamb ou de um de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevia-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia; e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio.

Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; e ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião. Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião,

e o meio eficaz para isto é fugir a um prólogo explícito. O melhor prólogo é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado.

Consequentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas Memórias, trabalhadas cá no outro mundo. Seria curioso, mas nimiamente extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus. Brás Cubas

NATURALISMO 6 – O MULATO DE ALUISIO DE AZEVEDO EM CORDEL POR: JAMILE BARBOSA O

mulato (Cordel) Uma história comovente Foi o que vim contar Falo pois a muita gente Há de impressionar. De São Luís partiu menino Esse era Raimundo Lisboa era o destino Do órfão moribundo. O pai perdera sem explicação A mãe lhe afastaram Por proibição E lhe partiram O Coração. Em suas veias corria O sangue mulato De pai branco que seguia E mãe negra o coitado

Coitado não ser , De pele amulatada Mas por ter , A cor discriminada. Na Europa anos passou Ali muito aprendeu Formado retornou Para descobrir tudo que lhe sucedeu. Suas origens eram um mistério Que ele tinha que desvendar Tudo era sério A verdade queria encontrar. Passado um ano no Rio Para São Luís resolveu partir E reencontrar seu tio Manuel Pescada que vivia ali. Uma surpresa o destino lhe concedeu Era uma moça bonita e bondosa Que seu coração tremeu Ana Rose a prima formosa Por ela Raimundo se encantou Por ele Ana Rosa suspirava Ele se apaixonou, E o sentimento pairava Todavia a paixão dos dois Encontrava obstáculos E agora pois Tem que enfrentá-los O pai não queria Ana Rosa casada , Só se fosse com Dias Por quem não sentia nada Dona Bárbara sua avó era mulher racista E de negro nem tinha dó De tanto que era egoísta Nas origens de Raimundo Se escondia um segredo Que todo mundo Guardava com medo Seu pai português Por uma negra se encantara A mulher dele o que fez A escrava mãe de Raimundo, maltratara Só que inocente ela não era Com padre Diogo se encontrava E a traição foi flagrada Dentro da própria casa.

O pai de Raimundo mata Quitéria Que havia lhe traído
E aquela miséria Ainda não tinha sucumbido. Um
pacto entre o Padre e Pedro Se formou Por conta do
medo Que aos dois causou Agora cônego, Padre Diogo
queria impedir Mesmo como rogo O amor de
Raimundo e Rosa existir Pois ele fora o responsável
Pela morte de José Pedro O fato lastimável Que
permanecia em segredo esses eram os problemas que
o amor dos dois tinha que enfrentar no meio de tantos
dilemas Será que iram se separar? Raimundo
insistente A fazenda onde nasceu quis conhecer E
acaba a descobrir Que o motivo da proibição E da da
renúncia da mãe Era sua cor Mulato sim e com muito
amor. Raimundo acabou por sair Mas em uma carta
contou O amor que não podia sumir Por Ana Rosa se
declarou Mas o final foi trágico Tentando fugir com
Rosa Raimundo morreu E o conto magico Não se
sucedeu Com o Dias Ana Rosa casou E a magia
Acabou! Nem tudo é feliz Tudo é real Não é como se
quis Mas é natural.

PARNASIANISMO 7 – POEMA DE OLAVO BILAC Via Láctea "Ora (direis) ouvir estrelas! Certo Perdeste o senso!" Eu vos direi, no entanto, Que, para ouvi-las, muitas vezes desperto E abro as janelas, pálido de espanto... E conversamos toda a noite, enquanto A via láctea, como um pálio aberto, Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e, em pranto, Inda as procuro pelo céu deserto. Direis agora: "Tresloucado amigo Que conversas com elas? Que sentido Tem o que dizem, quando estão contigo?" E eu vos direi: "Amai para entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido Capaz de ouvir e de entender estrelas".SIMBOLISMO 8 -

Poema: Acrobata da dor – Cruz e Sousa Acrobata da dor Gargalha, ri, num riso de tormenta, como um palhaço, que desengonçado, nervoso, ri, num riso absurdo, inflado de uma ironia e de uma dor violenta. Da gargalhada atroz, sanguinolenta, agita os guizos, e convulsionado salta, gavroche, salta clown, varado pelo estertor dessa agonia lenta ... Pedem-se bis e um bis não se despreza! Vamos! retesa os músculos, retesa nessas macabras piruetas d'aço. . . E embora caias sobre o chão, fremente, afogado em teu sangue estuoso e quente, ri! Coração, tristíssimo palhaço

PRÉ-MODERNISMO 9 – FRAGMENTO DE “URUPÊS”
DE MONTEIRO LOBATO "Pobre Jeca Tatu! Como é bonito no romance e feio na realidade! Jeca mercador, Jeca lavrador, Jeca filósofo... p.90 Seu grande cuidado é espremer todas as consequências da lei do menor esforço - e nisto vai longe. Começa na morada. Sua casa de sapé e lama faz sorrir aos bichos que moram na toca e gargalhar ao João-de-barro [...] Móvel nenhuma. A cama é uma espigada esteira de periposta sobre o chão batido [...] Nenhum talher [...] Nada de armário ou baús. A roupa, guarda-a no corpo. Só tem dois aparelhos; uma que traz no uso e outro na lavagem. [...] Seus remotos não avós gozaram maiores comodidades. Seus netos não meterão quarta perna ao banco. Para quê? Vive-se bem sem isso." p.91

Notamos que aqui Monteiro Lobato retrata as péssimas condições de vida do caboclo frente à sua ignorância, vivendo num completo estado de inércia e desprovido de perspectivas quanto às mudanças do aspecto social.

MODERNISMO 10 – POEMA DE CARLOS

DRUMMOND DE ANDRADE No meio do caminho No
meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no
meio do caminho tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra. Nunca me esquecerei desse
acontecimento na vida de minhas retinas tão
fatigadas. Nunca me esquecerei que no meio do
caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do
caminho no meio do caminho tinha uma pedra.

(Alguma poesia, 1930)